

OFICINA DE ANTOTIPIA: FOTOGRAFIA ANALÓGICA SUSTENTÁVEL COMO MEIO PARA A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

SANTOS, Ana Beatriz

PIANOWSKI, Fabiane

anabia.slima@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Palavras-chave: Fotografia Analógica; Sustentabilidade; Educação; Experiência Estética.

1. Contexto do relato

Projetos de extensão universitária assumem relevância ao propor ações de educação não formal, menos hierárquica e mais voltadas à autonomia e participação dos sujeitos. A partir dessa compreensão, esse relato busca trazer um pouco das vivências em conjunto com o projeto @artepraplaylist na Web Rádio Coração: Ondas de Educação, Arte e Cultura, que promove diálogos entre a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a comunidade escolar do Educandário Coração de Maria (Rio Grande/RS), envolvendo alunos do 4º e 5º ano em práticas artísticas e de comunicação como ferramentas pedagógicas.

A oficina de antotopia¹ foi desenvolvida pensando em estimular a percepção estética e a consciência ecológica, valorizando a relação entre arte, ciência e meio ambiente. O projeto dá continuidade a pesquisas em fotografia analógica alternativa no curso de Artes Visuais da FURG e propõe a arte como meio de sensibilização crítica para a urgência ambiental contemporânea.

A educação, quando concebida como prática libertadora (Freire, 1967), ultrapassa a simples transmissão de conteúdos para se tornar espaço de experiência, escuta e criação. No campo das artes visuais, tal perspectiva permite pensar práticas que sensibilizem os sujeitos diante da vida e da natureza, sobretudo em tempos de crises ambientais e de hiperprodução imagética. A escolha pela

¹ Técnica fotográfica analógica que utiliza pigmentos vegetais como material fotossensível para criar imagens conhecidas como antótipos.

antotíпия parte de uma crítica à lógica da virtualização das imagens e do consumo visual imediato, que frequentemente distancia os indivíduos da dimensão material e temporal da criação artística (Sontag, 2004). Ao propor o contato com os ritmos da natureza, com a espera e com a efemeridade, buscou-se constituir um espaço de experimentação no qual a produção artística foi compreendida como ato de cuidado e resistência.

2. Detalhamento das atividades

O projeto se insere em uma abordagem qualitativa, investigativa e experiencial, onde a natureza é entendida não apenas como cenário, mas como co-autora das imagens, em consonância com a antropologia sensível. Com esse propósito, a oficina foi dividida em dois encontros de aproximadamente uma hora e meia, equilibrando teoria e prática.

Durante o primeiro encontro houve uma introdução à técnica da antotíпия, sensibilização do grupo para a coleta de flores e folhas no entorno, preparo dos pigmentos e aplicação em papéis. Esse momento foi marcado pelo contato direto com a materialidade, pelos cheiros, cores e texturas, promovendo uma experiência sensorial ampliada.

Figura 1 – Primeiro encontro da oficina



Fonte: Acervo pessoal.

Em um segundo momento, fizemos a exposição dos papéis sensibilizados à luz solar e realizamos uma reflexão sobre o tempo de espera até o surgimento das imagens.

Figura 2 – Segundo encontro



Fonte: Acervo pessoal.

Os alunos se encantaram em colocar as imagens contra a luz do sol, para que pudessem ver a imagem que passava pelo papel. Ao final da prática, houve um compartilhamento coletivo das produções, incentivando as crianças a narrarem suas descobertas e percepções e eles puderam levar suas obras para casa para acompanhar a efemeridade das imagens em relação ao tempo.

3. Análise e discussão do relato

A proposta está ancorada na perspectiva de educação estética como experiência, em diálogo com os escritos de Ana Mae Barbosa (2001) acerca das contribuições do filósofo e educador John Dewey, para quem a arte possibilita integrar pensamento, emoção e ação em um processo contínuo. Essa visão é complementada pela possibilidade que as vivências da experiência estética trazem para que sejam descobertas novas interpretações para os princípios éticos e para a contextualização de condições da vida humana.

“A educação vale-se, então, da particularidade e da pluralidade, desencadeadas pelo inesperado da experiência estética, como elementos para a aprendizagem e modos de lidar com a moralidade num mundo pós-metafísico.” (HERMANN, 2010, p. 73)

A experiência revelou uma forte adesão das crianças durante as etapas de coleta e manipulação dos materiais, o que destaca a curiosidade diante da transformação das folhas em “papel para foto”. O tempo de espera para a revelação

das imagens foi compreendido, em muitos casos, como desafio, mas também como aprendizado sobre paciência e atenção.

A comparação com a fotografia digital foi espontaneamente levantada pelas próprias crianças, que identificaram na antotipia um processo mais lento, frágil e incerto, porém dotado de um “encantamento” diferente. Essa percepção reforça a ideia de que a efemeridade pode ser um recurso pedagógico potente, permitindo refletir sobre o cuidado com a vida e com o planeta.

4. Considerações finais

A oficina possibilitou evidenciar que a antotipia, por sua materialidade, é capaz de instaurar uma pedagogia voltada à desaceleração e ao vínculo sensível com o ambiente. Nesse sentido, a prática se aproxima da noção de consciência ecológica ampliada de Félix Guattari (1990), ao promover experiências que articulam cuidado ambiental, relações sociais e abertura estética.

Futuramente, sugere-se ampliar a pesquisa para outros contextos educativos, incorporando a diversidade de saberes locais e perspectivas decoloniais a fim de fortalecer a arte como espaço de resistência e criação.

5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-24.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990. 56 p.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e Horizonte Comum: Ensaio Sobre Educação Ético-Estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. 176 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 127 p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 224 p.